



O significado da liberdade ¹

Angela Davis

Apresentação, tradução e notas por
Simone Borges dos Santos², Alan Sampaio³

Apresentação

The meaning of freedom (O significado da liberdade), de 2012, é um livro que reúne doze conferências de Angela Y. Davis realizadas entre 1994 e 2009, com um prefácio de Robin D. G. Kelley, professor ilustre de história dos EUA na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), a mesma em que Davis ensinou por um curto período, entre 1969 e 1970. De algum modo, o livro seguinte, *A liberdade é uma luta constante*, de 2015, é um complemento, com um título que, afinal, sintetiza o que quer dizer liberdade para a filósofa: luta, movimento crítico social, situado e universal. Os capítulos de *O significado da liberdade* são organizados sequencialmente expondo os fatores limitadores de liberdade; quais grupos estão inseridos nessa limitação; quais meios possíveis para alcançar a dignidade da vida; e a importância da organização coletiva para a conquista de direitos. Neles, Davis faz uma análise crítica sobre quais condições de liberdade as pessoas negras têm acesso. Ou melhor, sobre a negação de direitos de grupos racializados. O capítulo oito, com título homônimo ao do livro, traz uma conferência de fevereiro de 2008. Nesta data, a abolição da escravatura nos EUA completava 200 anos. Davis destaca, então, uma série de datas significativas para a *Black History*. Ao mesmo tempo, porém, em resalta a estima do mês, com seus movimentos e conquistas sociais, para o afro-americano, ela questiona se há motivos reais para comemorar: “O mês de fevereiro nos oferece uma espécie de microcosmo da história do mundo negro. Fevereiro

¹ “*The meaning of freedom*”, conferência realizada por Davis em reconhecimento ao ducentésimo aniversário da abolição do tráfico de escravos nos Estados Unidos. In: DAVIS, Angela Y. **The meaning of freedom: and other difficult dialogues**. San Francisco: City Lights, 2012, p. Tradução realizada como exercício de Iniciação Científica. (N.E.)

² Mestranda em Filosofia pela UFBA.

³ Doutor em Filosofia pela UFBA. Professor Adjunto na UNEB.

é o mês, no que diz respeito aos Estados Unidos da América, quando a Décima Quinta Emenda autorizou o sufrágio masculino negro” (DAVIS, 2012, p. 134, tradução nossa).

O significado da liberdade

Como o tema desta conferência reconhece o ducentésimo aniversário da abolição do tráfico de escravos em 1808, decidi falar sobre o significado da liberdade. O tema da conferência enfatiza duzentos anos de liberdade. O que essa significou para pessoas de descendência africana? O que essa liberdade significou para o mundo negro? E qual tem sido a relação com as comunidades que são racializadas de forma diferente, mas que, no entanto, sofrem sob ciclos de opressão?

Suponho que poucas pessoas pensem no fato de que a instituição da prisão reivindicou um lugar no centro mesmo da história negra, particularmente desde a abolição da escravidão. Tem sido um tema constante na vida coletiva dos negros neste país. Também tem sido um tema constante na vida coletiva dos chicanos⁴. E é cada vez mais um aspecto importante da vida das pessoas que são racialmente oprimidas na Europa, bem como na América Latina, e quando se olha para o continente africano, pode-se ver prontamente até que ponto a instituição da prisão está realmente começando a substituir instituições como educação e saúde.

Quando Carter G. Woodson propôs em 1926 que a nação reservasse anualmente uma semana para a celebração da Semana da História Negra⁵, ele estava enfrentando uma cultura dominante que marginalizava quase todas as realizações negras, e era importante transmitir a mensagem de que éramos capazes de muito mais do que a sociedade supremacista branca atribuída às comunidades negras.

Então, é claro, meio século depois, a celebração foi estendida para todo o mês. O mês de fevereiro nos oferece uma espécie de microcosmo da história do mundo negro. Fevereiro é o mês, no que diz respeito aos Estados Unidos da América, quando a Décima Quinta Emenda autorizou o sufrágio masculino negro⁶.

Fevereiro é significativo para a história negra também por muitas outras razões. A Sociedade de Ajuda aos Homens Livres⁷ foi fundada em fevereiro. W.E.B. Du Bois nasceu

⁴ Chicanos, termo empregado para designar os cidadãos norte-americanos de origem mexicana. Constituem uma importante parte da população hispânica dos Estados Unidos

⁵ *Negro History Week/ Black History Month* – é uma comemoração anual, também conhecida como Mês da História Afro-Americana. Teve seu início como uma forma de lembrar pessoas e acontecimentos importantes da diáspora africana.

⁶ *Fifteenth Amendment to the United States Constitution* – A Décima Quinta Emenda da Constituição dos EUA, proíbe que seja negado a qualquer cidadão o direito de votar com base na raça. Foi ratificada em 03 de fevereiro de 1870.

⁷ No texto original está escrito “*Freemen’s*”, cujo significado é “homens livres”. A referência encontrada em livros e na internet é sempre com a adição da letra “D”, *Freedmen’s Aid Society*, “Sociedade de ajuda para homens libertos”.

em 23 de fevereiro de 1868, e foi em 23 de fevereiro de 1972, que fui solta sob fiança.⁸ Mas foi também durante o mês de fevereiro que W.E.B. Du Bois convocou o primeiro Congresso Pan-Africano em 1919⁹ para incitar pessoas de procedência africana em todo o mundo a se unirem para enfrentar o imperialismo europeu. Fevereiro também foi o mês em que a Conferência de Liderança Cristã do Sul¹⁰, organização de Martin Luther King, foi estabelecida, e quando os alunos encenaram *sit-ins*¹¹ nos balcões de lanche em Greensboro, Carolina do Norte. Isso foi em fevereiro de 1960. Poderíamos realmente continuar a fazer um panorama completo da história negra olhando para os principais eventos que aconteceram durante o mês de fevereiro.

O que eu gostaria de dizer agora é que o Mês da História Negra parece ter se tornado uma ocasião para gerar lucro. Se você olhar para o site do Walmart, Walmart, que é a maior empresa do mundo, você verá como eles o instigam a celebrar a história negra comprando seus produtos. O Wal-Mart¹², como a maior corporação do mundo, demonstra o impacto que o capitalismo global está tendo em nossas vidas e as condições do neoliberalismo sob as quais vivemos e pensamos. Através da ação do Walmart vemos como o capitalismo tem insinuado a si mesmo em nossos desejos, nossos sonhos e nossas formas de pensar sobre nós mesmos. Nós nos mercantilizamos quando falamos sobre como induzimos ao consumo. Então tenha isso em mente quando voltamos e olhamos para alguns aspectos da história negra.

Celebramos mais frequentemente o Mês da História Negra evocando uma coleção de narrativas individuais sobre pessoas negras que conseguiram superar as barreiras criadas pelo racismo do passado, enquanto deveríamos ter uma concepção mais ampla do que significa celebrar os legados da história negra, e esses legados não devem se limitar simplesmente às pessoas de descendência africana. Estou pensando em alguém como Yuri Kochiyama, que é uma mulher japonesa americana que durante a maior parte de sua vida — e ela tem cerca de 82 anos agora — trabalhou no movimento dos direitos civis, trabalhou para libertar prisioneiros políticos. Ela estava com Malcolm X quando ele

⁸ *Angela Free*, movimento de alcance mundial pela libertação de Angela Davis.

⁹ *The first Pan-African Congress in 1919*. O Congresso Pan-Africano ganhou a reputação de pacificador na África e nas Índias Ocidentais. Uma das exigências era acabar com o domínio colonial e acabar com a discriminação racial, contra o imperialismo e exigia direitos humanos e igualdade de oportunidades econômicas.

¹⁰ *The Southern Christian Leadership Conference*, organização afro-americana de direitos civis, está associado ao seu primeiro presidente, Martin Luther King Jr., que teve um grande papel no movimento americano pelos direitos civis.

¹¹ Nome como ficou conhecido o protesto de quatro estudantes universitários negros contra a segregação racial em estabelecimentos comerciais. No dia 01 de fevereiro de 1960, os quatro jovens entraram em uma loja de Greensboro, Carolina do Norte e, depois de comprarem material escolar e pedirem a fatura (para provar que tinham feito despesas), sentaram-se em quatro bancos altos da lanchonete reservados a brancos. Os funcionários da loja se recusaram a atender o pedido dos jovens. Os quatro ficaram sentados até o horário que a loja fecharia, esperando serem atendidos, o que não ocorreu.

¹² Wal-Mart era como se chama o atual Walmart.

foi assassinado, e há uma foto dela apurando a cabeça de Malcolm X em suas mãos enquanto ele estava morrendo. Não necessariamente trazemos Yuri Kochiyama¹³ para nossas celebrações do Mês da História Negra. Ou Elizabeth “Betita” Martínez¹⁴, que foi uma das ativistas mais incríveis no início do movimento pelos direitos civis.

Celebramos os indivíduos, mas também evocamos as vitórias legislativas e judiciais que ajudaram a produzir um sujeito negro que putativamente goza de igualdade perante a lei. Portanto, celebramos com razão a abolição do comércio de escravos em 1808¹⁵, e também celebramos a Décima Terceira Emenda¹⁶ com a qual pensamos ter sido abolida a escravidão, e celebramos a Lei dos Direitos Civis de 1964¹⁷, que um dos candidatos insistiu que só poderia ser obra de um presidente, e a Lei dos Direitos de Voto de 1965¹⁸. Muitos desses momentos legislativos foram tentativas de confrontar e erradicar os vestígios da escravidão.

Acho que todos nós, independentemente de nossa origem racial ou étnica, nos sentimos aliviados por não termos mais que lidar com o racismo e o sexismo associados ao sistema da escravidão. Mas tratamos a história da escravidão como tratamos a colonização genocida dos povos indígenas na América do Norte, como se não fosse tão importante, ou pior, como se nunca tivesse realmente acontecido. Pensamos nisso como uma espécie de pesadelo. E, como muitas vezes é caso com pesadelos, tentamos não pensar a respeito, exceto em termos abstratos, e supomos que ele irá embora. Uma das contribuições incríveis de um grupo de escritoras negras, começando, digamos, na década de 1980, foi pensar na escravidão e imaginar as subjetividades das pessoas que foram escravizadas e não nos permitir continuar a pensar nessas categorias abstratas.¹⁹

A instituição da prisão nos diz que o pesadelo da escravidão continua nos assombrando. Se atualmente aprendermos a reconhecer as formas de racismo e sexismo que estão no núcleo estrutural do sistema prisional, isso significa que teremos que

¹³ Yuri Kochiyama, nascida Mary Nakahara, com o fim da II Guerra Mundial, mudou-se para um alojamento de baixo custo no bairro afro-americano de Harlem. Seu envolvimento político no local mudou sua vida, especialmente depois de conhecer o revolucionário, Malcolm X.

¹⁴ Elizabeth “Betita” Martínez, feminista americana Chicana, organizadora comunitária, ativista, autora e educadora.

¹⁵ *The abolition of the slave trade in 1808*, A abolição do comércio de escravos em 1808

¹⁶ *The Thirteenth Amendment*, a 13ª Emenda diz: “Não haverá, nos Estados Unidos ou em qualquer lugar sujeito à sua jurisdição, nem escravidão, nem trabalhos forçados, salvo como punição de um crime pelo qual o réu tenha sido devidamente condenado”.

¹⁷ *The Civil Rights Act of 1964*, acabou com a segregação, nos EUA, em locais públicos e proibiu a discriminação no emprego com base na raça, cor, religião, sexo ou origem nacional. Foi proposta pela primeira vez pelo presidente John F. Kennedy, com forte oposição dos membros do Congresso do sul, sancionada por seu sucessor, Lyndon B. Johnson.

¹⁸ *The Voting Rights Act of 1965*, foi sancionada com o objetivo de superar as barreiras legais que impediam os afro-americanos de exercer seu direito a voto garantido pela 15ª Emenda da Constituição dos Estados Unidos.

¹⁹ Escritoras de literatura negra nos anos de 1980, a exemplo de Maya Angelou, Toni Morrison, bell hooks, Octávia Butler, Patricia Hill Collins

desenvolver uma ideia muito diferente sobre a situação da democracia nos Estados Unidos da América, particularmente em relação a suas vitórias sobre o racismo e o sexismo. Ouvimos a administração Bush constantemente evocando o movimento dos direitos civis como o arremate da democracia nos Estados Unidos, a democracia americana.

O tema deste encontro é como acabar com ciclos de opressão. Quero falar sobre isso fazendo a conexão entre a escravidão e o sistema prisional contemporâneo. Antes de tudo, quero dizer que a emancipação esperada pelas pessoas escravizadas em 1863 primeiro, pessoas cuja história por trás da escravidão era principalmente uma história de luta pela liberdade, foi uma emancipação restrita. O alegre barulho da liberdade a que W. E. B. DuBois se refere em *Black Reconstruction*²⁰ [*Reconstrução Negra*] teve que afastar as formas de não-liberdade que se apegavam tenazmente à emancipação oferecida aos escravos. O que significava ser um ex-escravo que era livre? O que significava tal liberdade? Du Bois fala sobre as dimensões espetaculares dessa liberdade recém-descoberta, e havia dimensões espetaculares porque os negros pela primeira vez tiveram a liberdade de aprender, a liberdade de tentar obter uma educação, a liberdade de criar escolas, com os escassos recursos que dispunham, a liberdade de viajar pela primeira vez. Mas, é claro, esta era uma liberdade do gênero, porque preponderantemente foram os homens negros aqueles capazes de tirar vantagem da liberdade de viajar.

Eles também tiveram a liberdade sexual de escolher seus próprios parceiros sexuais, o que poderíamos minimizar hoje, mas considerando que havia tantas outras dimensões da liberdade que não estavam disponíveis para as pessoas escravizadas que tinham sido “libertadas”, essa liberdade sexual tornou-se tão importante que se torna o tema principal da primeira música popular a ser produzida logo no rescaldo da escravidão: o blues²¹.

A liberdade sexual torna-se então uma metáfora para outros tipos de liberdade, para a liberdade política, para a liberdade econômica. Mas essas formas de liberdade estavam envoltas numa falta de liberdade. Os escravizadores, cuja atividade foi abolida pela Proclamação da Emancipação²², e mais tarde, por emenda à Constituição, não se

²⁰ *Black Reconstruction in America*, livro escrito por W.E.B. Du Bois em 1935, ainda sem tradução em português. Trata-se de um livro e um autor que Angela Davis sempre remete.

²¹ Rescaldo de tornados e furacões. Em *Blues legacies and black feminism* (1999), no primeiro capítulo “*I used to be your sweet mama – Ideology, sexuality, and domesticity*”, “Eu costumava ser sua doce mama – ideologia, sexualidade e domesticidade”, Davis apresenta manifestações reais de independência sexual feminina, relatadas através do Blues.

²² *The Emancipation Proclamation*. O presidente Abraham Lincoln emitiu a Proclamação de Emancipação em 1º de janeiro de 1863, quando a nação se aproximava de seu terceiro ano de sangrenta guerra civil. A proclamação declarava “que todas as pessoas mantidas como escravas” dentro dos estados rebeldes “são, e doravante serão livres”. Apesar desse texto extenso, a Proclamação de Emancipação foi limitada de várias maneiras. Aplicou-se apenas a estados que se separaram dos Estados Unidos, deixando a escravidão intocada nos estados leais de fronteira. Também isentou expressamente partes da Confederação (os estados separatistas do Sul) que já estavam sob o controle do Norte. Mais importante,

renderam tão facilmente às palavras. Parece-me muito estranho que ao longo das décadas assumimos que era possível abolir a escravidão simplesmente por proclamação, algumas palavras aí, e por uma cláusula na Constituição, quando essa proclamação e essa emenda constitucional nunca explicam claramente como entendem a escravidão.

Então nem sabemos claramente o que deveria ser abolido. Foi escravidão de bens móveis? Estava tratando os seres humanos como propriedade? Os seres humanos ainda são comprados e vendidos e ainda tratados como propriedade, incluindo pessoas como Shaquille O'Neal²³, que acabou de ser negociado, certo? Era sobre trabalho forçado? Sabemos que há tanto trabalho forçado, e olhamos para as maneiras pelas quais os imigrantes sem documentos são tratados e vemos um modo de trabalho muito semelhante. Como resultado, não acho que a Constituição dos EUA tenha abolido com sucesso o trabalho forçado. E todo o aparato da ideologia racista que era necessário para manter um povo inteiro escravizado? Isso foi abolido? Então por que presumimos que a escravidão foi abolida?

A escravidão era parte do fio condutor da vida americana, especialmente no Sul, mas também no Norte. E as palavras por si só não foram suficientes para fazê-la desaparecer. Se a escravidão foi declarada morta, ela foi simultaneamente reencarnada através de novas instituições, novas práticas, novas ideologias. Podemos pensar sobre as formas pelas quais as instituições de punição têm servido como receptáculos para essas estruturas e ideologias de escravidão que foram traduzidas nos termos de liberdade — escravidão traduzida nos termos de liberdade. O que essas gerações de “liberdade” significaram desde a aprovação da Décima Terceira Emenda? Tanto a prisão quanto o destino de ex-escravos estariam ligados intrinsecamente à luta pela democracia neste país. Então, quando falamos sobre a relação entre a escravidão e a prisão, também estamos falando sobre a natureza da democracia, ou o que está sob a rubrica da democracia neste país.

A prisão continua a refletir o fechamento das portas da democracia para os principais setores da população dos EUA. Podemos dizer que um dos principais aspectos da escravidão foi a morte social. Isso também incluiu morte civil. Isso significava que os escravos não podiam participar da arena política ou da vida civil. E quanto à privação de

a liberdade que prometia dependia da vitória militar da União (Estados Unidos). Embora a Proclamação de Emancipação não tenha acabado com a escravidão na nação, ela capturou os corações e a imaginação de milhões de americanos e transformou fundamentalmente o caráter da guerra. Depois de 1º de janeiro de 1863, todo avanço das tropas federais expandiu o domínio da liberdade. Além disso, a Proclamação anunciava a aceitação de homens negros no Exército e na Marinha da União, permitindo que os libertados se tornassem libertadores. Ao final da guerra, quase 200.000 soldados e marinheiros negros haviam lutado pela União e pela liberdade.

²³ Ex-jogador de basquete dos EUA, que por três vezes consecutivas recebeu o prêmio de jogador mais valioso das Finais da NBA. Em fevereiro de 2008, Shaquille O'Neal foi trocado para o Phoenix Suns por Shawn Marion e Marcus Banks. Imediatamente, surgiram questionamentos sobre a adaptação do pivô ao jogo de velocidade imposto pelo Suns do armador Steve Nash. O'Neal estreou pela franquia em 20 de fevereiro de 2008, contra o Los Angeles Lakers, marcando 15 pontos e pegando nove rebotes; todavia, os Lakers venceram por 130 a 124.

direitos de criminosos hoje? E o fato de que há 2,2 milhões de pessoas atrás das grades em um certo dia qualquer? As estatísticas podem ser enganosas. Muitos de nós sabemos desse número, 2,2 milhões, mas isso só reflete uma pesquisa censitária: é o número médio de pessoas que estão na prisão em um determinado dia. Se você olhar para o número de pessoas que entram e saem do sistema prisional e carcerário ao longo de um ano, isso vai ser aproximadamente 13 milhões de pessoas. Então isso é muito mais vasto do que temos o hábito de pensar.

A grande maioria dessas milhões de pessoas vem de comunidades de cor. Isso tem a ver com a natureza cada vez mais restritiva e repressiva da sociedade americana. Há uma maioria de negros aprisionados em todo o país, mas se você observar o meu estado, Califórnia, a maioria das pessoas na Califórnia são latinos e chicanos.

O Racismo Estrutural da Prisão

O que é muito interessante é que as pessoas não são mais condenadas por serem negras ou por serem chicanas. Mas há estruturas de racismo que fazem a raça importar em termos de determinar quem vai para a prisão, particularmente quem pode ir para a prisão e quem pode ir para faculdades e universidades. Como podemos pensar sobre esse racismo estrutural? Qual é a relação entre o racismo estrutural da escravidão e o racismo que está inscrito nos próprios processos que criam trajetórias que levam inevitavelmente ao encarceramento ou ao ensino superior?

O racismo estrutural da prisão também pode ser responsabilizado pela persistência do racismo no assim chamado mundo livre. Somos encorajados a pensar na igualdade racial produzida pela adoção de posturas de daltonismo, certo? Nos disseram que tudo o que temos que fazer é não observar a raça e o racismo vai sair, ele vai embora. Então há uma espécie de ignorância aprendida, porque podemos ver raça, mas sabemos que não devemos ver raça. Há um tipo de repressão que frequentemente produz essas tantas expressões explosivas de racismo. Lembro-me de Michael Richards dizendo: "Não sou racista. Eu nem sei de onde isso veio". Cada vez mais, isso é o que as pessoas dizem. Eles não conseguem entender como é que uma observação racista escapa de seus lábios. Há todo um reservatório psíquico de racismo neste país. Está nas estruturas, está em nossa psique coletiva. Todos nós somos afetados por isso. Não estou falando só de pessoas brancas como portadoras do racismo. Estou falando de ideologias e lógicas que informam o modo como todos nós nos relacionamos com o mundo.

As prisões, é claro, prosperam nas desigualdades de classe, elas prosperam nas desigualdades raciais, elas prosperam nas desigualdades de gênero. Produzem e reproduzem essas desigualdades, porque segregam e isolam os indivíduos que elas punem. Elas também escondem as desigualdades que reproduzem. O perigo oculto de confiar no encarceramento como a principal solução para comportamentos que muitas vezes são os subprodutos da pobreza é que a solução reproduz o próprio problema que pretende resolver. É assim que podemos começar a entender por que a população

carcerária constantemente aumenta, não apenas em números absolutos, mas proporcionalmente também. Não tem nada a ver com o aumento das estatísticas criminais. À medida que a taxa de criminalidade diminui, as populações prisionais aumentam.

É claro que eles reproduzem esses problemas porque os fundos migram quase inevitavelmente para longe da educação e da habitação e da saúde em direção ao que eles chamam de correções. Portanto, uma geração gera outra. A taxa de criminalidade caiu, mas a taxa de encarceramento aumentou. Nos Estados Unidos, é claro, uma sentença de prisão por uma acusação de crime é uma sentença de prisão perpétua, independentemente de quantos anos se recebe. É uma sentença de prisão perpétua por causa do que alguém como Marc Mauer chama de “consequências colaterais” — as consequências colaterais do aprisionamento que levam à morte social, à privação de direitos. Não teríamos que lidar com a administração Bush nos últimos sete anos se não fosse o caso que, devido à privação de direitos, mais de 600.000 pessoas não poderiam votar na Flórida. Nas eleições de 2000, houve apenas uma diferença de 537 votos. Então, se uma pequena minoria desses 600.000 fosse capaz de votar, poderíamos ter um curso totalmente diferente da história.

Se a prisão for proposta como solução para questões sociais, outras possibilidades são excluídas. O Governador Schwarzenegger, governador do estado em que moro, mudou o nome do Departamento Correccional da Califórnia para o Departamento de Reabilitação e Correções da Califórnia. Se realmente queremos reabilitação, então temos que começar a falar sobre desencarceramento. Como a reabilitação é possível em condições de confinamento total? Como a reabilitação é possível quando não há como as pessoas exercerem suas liberdades? Na verdade, esse é o objetivo da punição como prisão: ela te priva de seus direitos e liberdades. É por isso que a prisão é uma punição peculiarmente democrática. É a instituição democrática quintessencial, porque te dá a negação daquilo sobre o qual todo o conceito de democracia burguesa foi desenvolvido.

Em nossa sociedade, a suposição é que se você é de uma certa comunidade racializada, você terá algum contato com o sistema prisional. Houve um estudo interessante que foi conduzido por um sociólogo que combinou pares pretos e brancos de candidatos a emprego. Alguns indicaram que tinham uma condenação criminal e outros não. O que foi muito interessante era que os brancos que tinham uma condenação criminal foram chamados de volta para entrevistas na mesma proporção que os negros que tinham as mesmas credenciais, mas não tinham antecedentes criminais. O ponto que Marc Mauer faz é que os homens negros nascem essencialmente com o estigma social equivalente a uma condenação criminal. Então estamos falando de uma instituição que não afeta apenas aqueles que encarcera; tem uma influência sobre comunidades inteiras.

O problema não se limita aos homens negros. As mulheres constituem, e constituíram por um tempo o setor de rápido crescimento da população aprisionada. E as mulheres de cor, é claro, constituem o maior grupo de mulheres, portanto a população

que mais cresce em toda a população aprisionada. Este não é apenas o caso nos Estados Unidos. É real no Canadá, é cada vez mais real na Europa, e é real em outros países também.

Se olharmos para quem está na prisão e por que eles estão lá, então é claro que raça e classe têm muito mais a ver com a superlotação dessas instituições prisionais do que com a existência do crime. Uma vez que as pessoas passaram um tempo na prisão, elas são para sempre assombradas por seu status como prisioneiros. Elas são para sempre assombradas pela morte civil. São para sempre excluídas de certos aspectos da participação democrática na sociedade. Portanto, esta é uma maneira de entender por que os negros e latinos são tão facilmente rotulados como criminosos, tão facilmente identificados como ameaças à lei e à ordem, e isso nos ajuda a entender por que as pessoas dessas comunidades muitas vezes vêem suas próprias irmãs e irmãos como criminosos, como perigosos e ameaçadores. O imigrante, por exemplo, é bode expiatório. O imigrante indocumentado é visto como o inimigo.

E há uma racialização da imigração. A imigração pós-colonial, pós-soviética, pós-socialista para este país envolve pessoas que chegam aqui de todo o mundo, especialmente da Rússia. Mas já pensamos em imigrantes indocumentados como russos? Alguma vez os racializamos como brancos? Então começamos a entender como a ideologia do racismo realmente infecta a lógica do nosso pensamento e nossas relações uns com os outros.

Quero falar por um momento sobre como esse processo de criminalização, particularmente no que diz respeito aos negros, está ancorado na escravidão. E quero fazer uma conexão entre a democracia que achamos que desfrutamos agora e a democracia que foi oferecida aos afrodescendentes após a escravidão. Mesmo durante a escravidão havia uma contradição na forma como os negros eram pensados. Nós tendemos a pensar que a escravidão significava que os negros eram tratados como propriedade, certo? Isso é escravidão. Mas então os negros foram punidos, eles foram considerados culpados de crime. A propriedade pode ser responsável? A propriedade pode ser considerada culpada? Havia algo errado ali. Na verdade, você pode dizer que, embora os negros não fossem reconhecidos como tendo personalidade jurídica na maioria dos sentidos, quando cometeram um crime, eles eram responsáveis perante a lei e, portanto, eram reconhecidos como tendo personalidade jurídica.

Essa afirmação negativa da personalidade jurídica dos negros continua a influenciar hoje. Pode-se dizer que a prova da participação dos negros na democracia dos EUA é precisamente o fato de que eles receberam o devido processo antes de serem condenados em números tão desproporcionais à prisão. É precisamente como eles aparecem perante a lei como sujeitos iguais que recebem o devido processo legal, precisamente porque são considerados responsáveis, ou é através de sua culpabilidade — isso faz sentido? — através de sua culpabilidade de que eles participam do processo democrático. Isso reflete

a contradição da escravidão, e isso, eu acho, é uma indicação de uma das maneiras pelas quais a escravidão continua a nos assombrar.

Antes de completar minha apresentação, tenho que dizer algo sobre globalização corporativa. Devo dizer que a globalização corporativa tornou-se a maior ameaça à democracia no mundo. Mas o problema é que o capitalismo se apresenta como sinônimo de democracia. É disso que George Bush está falando quando pede a defesa da democracia contra o terror. Essa é a democracia que os militares dos EUA estão lutando para proteger lugares como Iraque e Afeganistão. Não é democracia, é capitalismo, ou é uma democracia que usa o capitalismo como modelo, que vê o livre mercado como o paradigma da liberdade e que vê a concorrência como o paradigma da liberdade.

As corporações estão ligadas ao marketing global da prisão. Eles colhem enormes lucros nessa área — prisões em detrimento de moradia e saúde e educação e outros serviços sociais. De fato, a concepção neoliberal de liberdade econômica exige que o governo se retire de praticamente todos os serviços sociais. O mercado deve determinar tudo. A liberdade emerge porque o mercado determinará a distribuição da educação, a distribuição aos cuidados de saúde. E de acordo com os “Chicago Boys”, Milton Friedman e essas pessoas, isso vai se equilibrar. Acho que eles ainda acreditam na “mão invisível” de Adam Smith, que de alguma forma ou de outra a liberdade se revelará.

Mas quando olhamos para a extensão em que os países da região sul foram devastados pelo rolo compressor da privatização, um país como a África do Sul, que ainda é, suponho, nossa esperança de uma sociedade não racista e não sexista e não homofóbica, eles estão experimentando enormes problemas justamente como resultado da privatização que é exigida pelo FMI e outras organizações financeiras internacionais, como o que os países devem fazer quando desejam obter empréstimos internacionais. É realmente assustador.

Percebemos esse tipo de ajuste estrutural acontecer neste país. É por isso que estamos diante dessa crise da atenção à saúde e porque a saúde se tornou totalmente privatizada desde a década de 1980. Houve uma tentativa de privatizar totalmente o sistema prisional também. Funcionou em alguns lugares; não funcionou muito bem em outros. Mas vemos a insinuação de corporações privadas no sistema prisional por todo o país.

Pergunto-me por que não achamos vergonhoso que agora seja possível visitar países do Sul global e descobrir que, embora seus sistemas educacionais e subsídios habitacionais e empregos tenham se deteriorado ao longo do último quarto de século sob o impacto da globalização, muitas vezes é possível descobrir uma nova prisão novinha em folha que levaria alguém a acreditar que havia sido teletransportado de volta ao Colorado ou à Califórnia. É claro que usamos o termo “complexo prisional-industrial” para apontar que há essa proliferação global de prisões e prisioneiros que está mais

claramente ligada às estruturas e ideologias econômicas e políticas do que às condutas criminosas individuais e aos esforços para conter a criminalidade.

Queria dizer algumas palavras sobre esse complexo prisional-industrial que tem esse lugar cada vez mais privilegiado na economia global e a forma como serve para sustentar a persistência do racismo, mas também como se tornou um aparato de gênero. Creio que não pensamos no fato de que há prisões para homens e prisões para mulheres. E as pessoas que não estão em conformidade com o gênero? Porque acho que aprendemos no último período que existem mais de dois gêneros. Então, o que acontece com eles e elas? Onde é que elas ou eles vão? Para onde uma mulher transgênero é enviada ou um homem transgênero é enviado ou alguém que necessariamente não se identifica como homem ou mulher? Claro, as prisões se baseiam nas velhas noções de biologia, de que a biologia tem as respostas para tudo, então se inspecionam os genitais das pessoas. É baseado na genitália que são classificados como um certo gênero e, portanto, enviados para certas prisões.

Então, é claro, há problemas com a violência. As pessoas costumam argumentar, bem, se você mandar uma mulher transgênero para prisões masculinas porque ela tem genitália masculina, ela será alvo de estupro, porque sabemos, pensamos, que estupro é algo que os prisioneiros do sexo masculino começam a fazer quando vão para prisão. Não nos perguntamos por que, de onde vem isso? Não nos perguntamos até que ponto a própria instituição promove essa violência, precisa dessa violência, gera essa violência sexual para que o sistema funcione. Então vemos isso acontecer em Abu Ghraib e vemos isso acontecer em Guantánamo, e expressamos tal choque — não é assim que a América deve operar. No entanto, se olharmos para o que acontece diariamente nas prisões domésticas deste país, vemos coerção e violência semelhantes.

É evidente que as mulheres têm sido especialmente prejudicadas por esses desenvolvimentos. O complexo industrial prisional trouxe mulheres do Sul global, mulheres indígenas em número desproporcional. Se você for para a Austrália, quem você acha que vai descobrir em números desproporcionais nas prisões de lá, especialmente nas prisões femininas?

O complexo prisional-industrial tornou-se tão grande e poderoso que trabalha para se perpetuar. É literalmente autopetruante. As matérias-primas são jovens imigrantes e jovens de cor de todo o mundo. Então, se alguém visita uma prisão na Austrália ou França, Holanda, Itália, Suécia, vê jovens que vêm de comunidades que nós, nos Estados Unidos, designamos como comunidades de cor, vemos povos indígenas. A raça continua a ter uma grande importância em todo o mundo hoje.

É algo que os Estados Unidos basicamente ofereceram ao mundo: uma maneira de gerenciar os problemas sociais, recusando-se a enfrentá-los. Em vez de resolver problemas, o sistema coloca as pessoas atrás das grades. Não podemos negar que há pessoas na prisão que fizeram coisas horríveis e dolorosas a outras pessoas. Mas essas

não são a maioria dos prisioneiros. E há muitas pessoas no mundo livre que fizeram coisas horríveis e dolorosas. Há muitas razões pelas quais pessoas se envolvem em violência, às vezes por malícia, às vezes por doença mental, às vezes por legítima defesa. Muitas mulheres que estão na prisão por cometer atos violentos mataram em desespero, para se livrarem de um relacionamento íntimo violento. Não importa do que uma pessoa tenha sido condenada, faz sentido alojar centenas, às vezes milhares de pessoas juntas, ou separadamente em celas isoladas, privá-las do contato com suas famílias, privá-las da educação, e então presumir que isso vai ajudar a reabilitá-las e ajudá-las a serem uma parte saudável da sociedade?

Eu gostaria de terminar com perguntas. Como podemos imaginar e lutar por uma democracia que não gera formas de terror, que não gera guerra, que não precisa de inimigos para seu sustento? Porque as pessoas que estão na prisão são apontadas como inimigas da sociedade, e essa é uma das maneiras pelas quais podemos definir nossa própria percepção de nós mesmos como livres, olhando para aqueles que são nossos opostos. Como imaginar uma democracia que não prospera nesse racismo, que não prospera na homofobia, que não se baseia nos direitos das corporações capitalistas de saquear os ambientes econômicos, sociais e físicos do mundo?

Sugiro que usemos nossa imaginação para tentar chegar a versões da democracia na qual, por exemplo, a prática do Islã não sirva como pretexto para o encarceramento em um centro de detenção de imigração ou em uma prisão militar, onde tortura e coerção sexual não sejam consideradas tratamento adequado. Precisamos usar nossa imaginação para vislumbrar versões da democracia que permitam muitas coisas: o direito ao emprego decente, pleno, e a um salário digno; o direito à educação de qualidade; o direito de viver em um mundo onde a educação não é uma mercadoria, mas sim uma disciplina criativa que nos permite entender todos os mundos que habitamos, tanto humanos quanto não humanos, o tipo de educação que nos obrigue a transcender os limites do patriotismo nacionalista para nos imaginarmos como cidadãos do mundo.

Pergunta do Público

Qual é a sua opinião sobre a eleição presidencial e Obama?

Eu não sou democrata, e eu nunca fui realmente um membro registrado de qualquer um dos dois principais partidos. Eu fui um membro registrado do Partido Comunista, eu fui um membro registrado do Partido da Paz e da Liberdade, e agora eu sou registrada como Verde. Durante as primárias, votei em Cynthia McKinney, porque sou membro do Partido Verde.²⁴ Achei muito interessante que a mídia tenha bloqueado completamente

²⁴ Fundado em 2001, é um partido de esquerda dos EUA. É o quarto maior partido deste país. Promove a não violência, o ambientalismo, justiça social, democracia participativa, igualdade de gêneros, direitos LGTBTQIA+, antirracismo.

a cobertura dos partidos independentes; ignoram partidos políticos que não são republicanos ou democratas.²⁵

O que eu acho sobre as eleições? Eu acho que é absolutamente incrível que haja tanto interesse. É um momento muito emocionante neste país; é particularmente emocionante ver os jovens — que foram descritos como apáticos — se envolverem profundamente. Somos gerações de eleitores apáticos, é o que nos dizem. Descobrimos que as pessoas eram apáticas porque não havia ninguém interessante para votar ou apoiar.

Mas eu sou sempre muito cautelosa quando se trata de política eleitoral. Eu acho que particularmente aqui neste país temos uma tendência a investir nosso próprio poder coletivo nos indivíduos. Temos o que às vezes chamo de complexo messias. É por isso que, quando pensamos no movimento dos direitos civis, pensamos em Martin Luther King. Não podemos imaginar que esse movimento poderia ter sido criado por um grande número de pessoas cujos nomes nem sequer conhecemos. Não somos capazes de imaginar isso.

Enfatizo muitas vezes que o boicote aos ônibus de Montgomery, que para muitas pessoas é um momento decisivo do movimento pelos direitos civis, não teria sido possível se não fosse por mulheres negras trabalhadoras domésticas. Estas são as pessoas em quem nunca pensamos. São totalmente invisíveis, invisíveis na história, mas essas são as mulheres que se recusaram a andar de ônibus. Essas são as negras que estavam andando de ônibus porque estavam indo de comunidades negras para comunidades brancas, porque estavam limpando casas de pessoas brancas e cozinhando comida de pessoas brancas e lavando suas roupas. Mas não podemos imaginar que elas foram os agentes da história que nos deram esse incrível movimento pelos direitos civis.

Tudo isso para falar desse entusiasmo, esse entusiasmo incrível que foi gerado no último período que foi chamado de movimento — e Obama se referiu especificamente ao que está acontecendo em torno de sua campanha como um movimento — se é para ser um movimento, tem que exigir muito mais do que a eleição de um único indivíduo, não importa o que esse indivíduo possa representar. Eu acho que, de certo modo, Obama é uma tela na qual muitos de nós pintamos nossos desejos, nossos sonhos e nossas esperanças. Isso pode ser bom se entendermos que é isso que estamos fazendo, e se entendermos que não é suficiente para fazer isso, e se entendermos que mesmo se ele for eleito, ou se Hillary for, se um deles for eleito, temos que manter a pressão, porque não podemos esperar que eles façam todo o trabalho que deveríamos fazer por nós mesmos.

²⁵ Existem vários partidos políticos atuantes nos EUA, a exemplo de Partido Libertário, da Reforma, Verde, da Constituição, Comunista dos Estados Unidos, dos Cidadãos dos Estados Unidos, Socialista dos Trabalhadores.